

CLIPP

Christiani Lehmanni inedita, publicanda, publicata

titulus	A auxiliarização de <i>ficar</i> . Linhas gerais
huius textus situs retis mundialis	http://www.uni-erfurt.de/sprachwissenschaft/personal/lehmann/CL_Publ/lehmann_ficar.pdf
dies manuscripti postremum modificati	27.01.2008
ocasio orationis habitae	–
volumen publicationem continens	Pinto de Lima, José & Sieberg, Bernd (eds.), <i>Questions of language change</i> . Lisboa: Colibri.
annus publicationis	2008
paginae	ignotae

A auxiliarização de *ficar*

Linhas gerais

Christian Lehmann

Universidade de Erfurt, Alemanha

Abstract

The purpose of this contribution is to trace the main lines of the auxiliarization of Portuguese *ficar* ‘stay’. Its beginnings are already visible at the start of the documented history, where *ficar* may combine with dependent phrases that contain an infinitive or a participle. It is shown how these dependents presuppose non-verbal bases. At a relatively late point in the grammaticalization of *ficar* to an auxiliary, the two progressive periphrastic constructions *ficar a* + infinitive and *ficar* + gerund are formed. These strengthen a strategy that characterizes Ibero-Romance and especially Portuguese typologically.¹

1 Introdução

O propósito desta contribuição é de traçar de maneira rudimentar a história da gramaticalização do verbo *ficar*. Se fosse completa, tal investigação deveria contemplar pelo menos o seguinte:

1. Análise sistemática:
 - 1.1. teoria geral da auxiliarização (conversão dum verbo pleno em auxiliar), que inclui tanto o lado semântico – a dessemantização – como o lado estrutural – a função na conjugação perifrástica;
 - 1.2. análise paradigmática dos verbos, auxiliares e construções sintáticas com que *ficar* e as construções em que participa estão em concorrência, com que alterna, com que forma um paradigma;
 - 1.3. análise sintagmática das diferentes construções sintáticas em que *ficar* aparece.
2. Análise histórica:
 - 2.1. busca dos registos do uso de *ficar* e das outras unidades do item 1.2 no corpus da história da língua;
 - 2.2. mudança semântica e funcional sofrida pelas mesmas unidades nesse percurso;
 - 2.3. desenvolvimento das construções do item 1.3;

¹ A escolha da língua portuguesa neste texto é uma modesta contribuição minha à internacionalização da linguística. Agradeço a José Pinto de Lima o trabalho de o rever.

- 2.4. consequente mudança do funcionamento numa parte central da gramática da língua no sentido de determinar-lhe o tipo linguístico.
3. Análise comparativa:
 - 3.1. gramática, papel funcional e história dos equivalentes de *ficar* nas outras línguas românicas, para um melhor entendimento do funcionamento de cada uma delas;
 - 3.2. comparação tipológica de outras línguas quanto à codificação das categorias funcionais codificadas por *ficar* em português, para um melhor entendimento da função dessa estratégia particular em comparação com aquelas negligenciadas pelo português.

Um trabalho que combinasse tudo isso teria a dimensão de uma monografia e, por isso, aqui, só poderá ser esboçado. Limitar-nos-emos à sistematização dos significados e empregos de *ficar* ao nível mais geral, bem como à demonstração de como eles se desenvolveram, uns a partir dos outros, no percurso da história da língua. O material será extraído do *Corpus do Português*, disponível na internet (Davies & Ferreira 2006). A consciência das suas várias insuficiências² não nos impedirá de nos servirmos dele como representativo da história da língua portuguesa, já que para os nossos fins se mostrará suficiente.

Na tarefa da classificação, dispomos de uma obra de Herculano de Carvalho (1984), que estuda de maneira sistemática o desenvolvimento de *ficar* de verbo pleno a verbo auxiliar. Trata tanto das mudanças de sentido como das transições de uma construção sintáctica a outra, prestando atenção particular aos problemas da aspectualidade. Os seus resultados serão pressupostos aqui. A principal diferença entre o presente ensaio e a obra de Herculano de Carvalho reside na abordagem: o presente estudo toma uma abordagem histórica, enquanto o de Herculano desenvolve os usos de *ficar* de maneira dinâmica, mas não histórica. Outra diferença se percebe no facto de a palavra *gramaticalização* aparecer somente no título do artigo de Herculano, enquanto aqui o conceito desempenha um papel na descrição e concepção teórica. O presente trabalho partilha a abordagem com Pinto de Lima 2006, o qual trata, na secção 3, da gramaticalização do pt. *parecer*.

Por **auxiliarização** entende-se a passagem de um verbo lexical pleno a um (verbo) auxiliar, como processo de variação sincrónica e diacrónica. É um processo de gramaticalização com todas as propriedades típicas desse tipo de mudança gramatical: O verbo perde os seus traços semânticos mais concretos e torna-se um meio estrutural de ligar o predicado ao sujeito. Combina-se com formas infinitas de verbos plenos como segundo dependente e começa a formar, junto com estas, formas perifrásticas da conjugação do verbo pleno que entram no paradigma de aspectos e vozes. A gradualidade desse processo revela-se, sincronicamente, na polissemia dos verbos em questão, que geralmente se usam como verbos lexicais com o sentido pleno original e, ao mesmo tempo, como auxiliares, prestando serviço na conjugação de outros verbos. Diacronicamente, os usos auxiliares aparecem depois dos usos plenos. É justamente isto que veremos na história documentada do verbo *ficar*.

² Alguns textos estão contidos no corpus mais de uma vez; há discrepância, quanto ao tamanho dos subcorpora de cada século, entre os números indicados em páginas diferentes; muitas palavras corridas estão categorizadas erroneamente; há erros na reprodução da ortografia. Contudo, este corpus electrónico é um primeiro passo muito valioso e útil para pesquisas históricas como esta.

2 Significado básico e significado genérico de *ficar*

Segundo Jakobson 1936, o **significado básico** (al. *Grundbedeutung*) de uma expressão é aquele que está na base (diacrónica) de todos os seus sentidos, os quais podem ser mudanças de vários tipos (como extensões, metáforas etc.) do significado básico. O **significado genérico** (al. *Gesamtbedeutung*), pelo contrário, é o conjunto de intersecção de todos os sentidos, o que estes têm em comum e que pode ser muito abstracto.

Nos casos simples, existe uma relação regular entre o significado básico e o significado genérico: Na perspectiva sincrónica, o conjunto de traços semânticos que constituem o significado genérico é um subconjunto do conjunto de traços que constituem o significado básico. Na perspectiva diacrónica, o significado básico duma expressão é o ponto de partida do seu desenvolvimento semântico, enquanto o significado genérico é o resultado. No campo lexical, a mudança semântica pode ser muito irregular e apresentar pouca semelhança com esse princípio geral. Pelo contrário, a mudança semântica envolvida na gramaticalização é geralmente uma extensão de significado muito regular, que pode conformar-se perfeitamente com aquele quadro geral.

O significado básico de *x fica P* é ‘x permanece P’, isto é, ‘até um ponto temporal de referência t, P(x), e depois de t, ainda P(x)’, onde P é um predicado no sentido lógico. No caso prototípico, P representa uma situação local, ou seja, a construção prototípica é *x fica [em algum lugar]*. Numa variante desta construção, P suprime-se por elipse, e *x fica* se interpreta como ‘x fica no lugar em que estava’ (cf. E1 abaixo). Fora do âmbito da anáfora implícita do tipo *Ficou resolvido? - Ficou*, uma expressão da estrutura *x fica* tem exclusivamente essa interpretação local. Metodologicamente, este facto serve para confirmar a hipótese de que este é o significado básico. Outros tipos de P (v. abaixo §3) afastam-se mais do protótipo.

À primeira vista, o significado básico de *x fica P* parece, portanto, ser a falta de mudança de x. Contudo, este facto só por si não pareceria digno de expressão. A mensagem é relevante, porém, se existir, no universo de discurso, uma expectativa de que x mudaria. Isto é tipicamente o caso se a ideia de mover-se ocorrer no contexto. Assim, por exemplo, no dito popular de E1.

E1. Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come.

Daí podemos concluir que a ênfase no significado básico não está tanto na continuação dum estado anterior como no facto de que, contra expectativas, depois de t, P(x). Por outras palavras, a primeira frase do significado básico, ‘até a um ponto temporal de referência t, P(x)’ constitui uma pressuposição de *x fica P*, enquanto a segunda frase, ‘e depois de t, ainda P(x)’, constitui a asserção.

O significado genérico de *x fica P* é ‘a partir de um ponto temporal de referência t, P(x)’. Como se vê, isto é somente a parte de asserção do significado básico e, portanto, não determina nada quanto à vigência de P(x) antes de t. É aqui que entram as bem conhecidas variantes aspectuais de *ficar*. Já que a construção sintáctica é sempre a mesma, essas diferenças de sentido só podem ser o resultado da interacção de factores associados com a semântica de outros elementos como:

1. o significado lexical de P,
2. a estrutura interna (sintáctica e morfológica) de P,
3. o aspecto/tempo de *ficar*,

4. o contexto mais amplo.

Quanto ao primeiro destes factores, temos as seguintes alternativas (cp. Lehmann 1999):

- Se P representa uma propriedade que não tem (semanticamente!) fronteira inicial intrínseca (e portanto não se adquire num processo), mas que contrasta com o seu contrário, então resulta a implicação de que P(x) era já o caso antes de t (isto é, o significado básico). Neste caso, *x fica P* significa ‘x permanece P’, o sentido **durativo** que aparece, p.ex., em *ficar inteiro* e *ficar vivo*.
- Se P representa um estado que tem fronteira inicial intrínseca, esta se identifica com t. Assim resulta a implicação de que antes de t, $\neg P(x)$ era o caso. Nesta constelação, *x fica P* significa portanto ‘x torna-se P’, o sentido **ingressivo** que aparece, p.ex., em *ficar atónito* ou *ficar morto*.³
- Se, além de implicar uma fronteira inicial, o estado representado por P é o resultado de um processo que a ele leva, resulta a implicação de que x vem sendo envolvido num processo que no momento t alcança o resultado P. Neste caso, *x fica P* significa ‘até a t, x está envolvido no processo que leva a P; x atravessa a fronteira t, e assim começa P(x)’. É o sentido **resultativo** que aparece, por exemplo, em *ficar maduro*.

Quanto ao segundo dos factores mencionados, basta lembrar aqui o papel da morfologia do verbo infinito dependente de *ficar* (cp. Giacalone Ramat 2000): enquanto o particípio – p.ex. em *fica empalidecida* – envolve uma vista resultativa do significado verbal, o gerúndio – p.ex. em *fica empalidecendo* – envolve uma vista imperfectiva.

O terceiro e o quarto dos factores acima mencionados ficam fora de consideração aqui. Como bem se sabe, as predisposições devidas aos primeiros três factores podem ser ultrapassadas pelo contexto, de modo que, p.ex., *ficou morto* significaria ‘não resurgiu’, o que não necessitamos analisar aqui.

3 As construções de *ficar*

Quanto à sua valência sintáctica, *ficar* é um verbo bivalente *x fica P* (onde P, como se disse, pode suprimir-se por elipse). Contudo, como vimos também, P não é um argumento, mas sim um predicado ou, no caso prototípico, uma situação em que x se encontra (pelo menos a partir do ponto temporal t). Aparecem, então, na posição de P um conjunto de construções sintácticas que têm pouco em comum e que, portanto, aqui serão chamadas simplesmente ‘dependentes pós-verbais’. As construções mais importantes que figuram como dependentes pós-verbais de *ficar* são as seguintes (as letras de variável que não levam índice subscrito representam qualquer item, inclusive zero):

1. sintagma adverbial

1.1. sintagma com núcleo adverbial

x [*fica* [[Y]_{Adv} Z]_{SAdv}]_{SV}

Exemplo: *x fica abaixo*.

³ O verbo alemão *bleiben* ‘ficar’ também pode ter o sentido ‘tornar-se’. Segundo a análise proposta em Krämer 2004, isto é exclusivamente um efeito do contexto, que implica que antes de t há um movimento.

1.2. sintagma com relator de caso

1.2.1. sintagma preposicional

x [*fica* [[W_{Prep} [Y]_{SN}]_{SPrep}]_{SAdv}]_{SV} Exemplo: *x fica na casa.*

1.2.2. sintagma com núcleo verbal

1.2.2.1. sintagma preposicional com infinitivo

x [*fica* [[W_{Prep} [Y]_{Vinf} Z]_{SPrep}]_{SAdv}]_{SV} Exemplo: *x fica a escrever um artigo.*

1.2.2.2. sintagma com gerúndio

x [*fica* [W [Y]_{Vger}]_{SAdv}]_{SV} Exemplo: *x fica escrevendo um artigo.*

2. predicativo

2.1. sintagma nominal

x [*fica* [W]_{SN}]_{SV} Exemplo: *x fica rei de Portugal*

2.2. sintagma adjectival

2.2.1. sintagma com núcleo de adjectivo

x [*fica* [W [Y]_{Adj} Z]_{SAdj}]_{SV} Exemplo: *x fica muito triste.*

2.2.2. sintagma com núcleo de participio

x [*fica* [W [Y]_{Vpart} Z]_{SAdj}]_{SV} Exemplo: *x fica resolvido.*

Nas construções #1, o dependente pós-verbal é um sintagma adverbial, enquanto nas construções #2, é um predicado nominal. São essencialmente os mesmos tipos principais de construção também existentes com o verbo *estar*. Cabe ressaltar, em particular, que as construções com infinitivo (1.2.2) são, formalmente, uma variante da construção de sintagma preposicional. O nome da construção 1.2, ‘sintagma com relator de caso’, postula a equivalência sintáctica de um gerúndio (1.2.2.2) com uma construção introduzida por uma preposição (1.2.2.1). Observe-se, por outro lado, que há formas verbais infinitas em duas construções sintacticamente distintas: por um lado, na secção de sintagmas adverbiais (1) e, por outro, na secção de predicados nominais (2).

Das construções de predicado nominal, há variantes que levam uma preposição que encabeça o predicativo, como *ficou para chefe*. Ademais há outras construções, como *ficar com*, que são derivativas das enumeradas acima e que não se tratarão aqui.

4 Desenvolvimento de *ficar*

4.1 Origens proto-românicas

O verbo *ficar* carece de etimologia unívoca. A forma fonológica primitiva pressuposta pela forma portuguesa *ficar* é lat. vulg. **figicare*. Esta, porém, não tem correspondente regular no latim documentado (nem em qualquer outra língua). **Figicare* seria um intensivo (aliás morfológica-mente não muito canónico⁴) de lat. *figere* ‘cravar, plantar, fixar, colocar’. Este, porém, não é o

⁴ O intensivo regular seria **fixare*.

sentido do pt. *ficar*, senão do pt. *fincar*, cuja etimologia latina é ainda menos clara do que a de *ficar*.

A transição semântica de ‘colocar’ a ‘permanecer’ poderia reconstruir-se por meio de usos como o ilustrado em E2.

E2. E ficou suas tendas em hũ logar (*Crónica Geral de Espanha*)

Se supusermos que a expressão *ficar as tendas* foi uma colocação convencional, podia facilmente suprimir-se por elipse o objeto subentendido, o que daria o sentido ‘colocar-se para ficar [num lugar]’. Assim *fincar/ficar* ocuparia, já antes do início da história documentada do português, o lugar ocupado no léxico das outras línguas românicas por lat. *remanere* e *restare*.⁵ O exemplo E2 mostra, ao mesmo tempo, uma variação fonológica, pois na base dos sentidos de *ficar* e *fincar* da língua moderna, esperar-se-ia *fincou*. Tal variação, embora irregular e inexplicável, está assim ao menos documentada.⁶

No início da documentação fornecida pelo *Corpus do Português* (séc. XIV), aparece *ficar* com um subconjunto das funções que tem até hoje (v. abaixo), mais alguns usos fixos que posteriormente se limitarão a *fincar* ‘cravar, colocar, fixar’. *Fincar*, porém, não está documentado no séc. XIV. A primeira ocorrência no corpus se encontra em E3:

E3. os meus jyolhos fincados em terra (*Crónica de Portugal*)

No séc. XV, *fincar* usa-se com os mesmos sentidos que hoje (‘colocar, fixar [sobretudo uma parte do corpo]’), e além disso aparece nos contextos de *ficar* ‘permanecer’, como em E4.

E4. Os que iuram testemunho falso nom fincara nehũ sem sua pena. (*Tratado de confissom*)

Se é lícito interpretar o contraste de zero ocorrências de *fincar* no subcorpus do séc. XIV com as 8 ocorrências no subcorpus do séc. XV, pode-se pensar numa influência do castelhano, onde *fincar*, com os mesmos sentidos, está documentado desde o início da tradição escrita (séc. XIII).

A evidência disponível dá, portanto, lugar à seguinte hipótese sobre o desenvolvimento pre-português de *ficar*:

1. Latim vulgar:

- Do lat. *figere* ‘cravar, fixar’, deriva-se um intensivo (não perfeitamente canónico) lat.vulg. **figicare*.

2. Ibero-românico:

- Por mudança fonológica regular, **figicare* dá lugar a *ficar*.
- Por usar-se em colocações convencionais como *ficar as tendas*, as quais se abreviam, *ficar* adquire o sentido de ‘permanecer’ e torna-se verbo intransitivo.

⁵ O *Cantar del mio Cid* contém vários exemplos (p.ex. 282) de *fincar* no sentido de ‘ficar’ (isto é, em lugar do esp. *quedar*).

⁶ O corpus contém mais exemplos da mesma alternância, p.ex. *ficou enton os geolhos en terra* (*Crónica Geral de Espanha*) ao lado de E3. Cabe mencionar que, enquanto o corpus do séc. XIV contém 12 exemplos de *ficar suas tendas*, não contém nenhum de *fincar suas tendas*.

3. Português antigo

- Por um processo fonológico irregular ou interferência do castelhano, forma-se a partir de *ficar* uma variante *fincar*. Ambas as variantes conservam-se tanto no português antigo como no castelhano antigo, com os mesmos sentidos de a) fixar, cravar, colocar; b) permanecer.
- Depois desta fase inicial de confusão entre *ficar* e *fincar*, os verbos separam-se com os sentidos que têm hoje.

O facto mais surpreendente que resulta desta breve visão geral da pré-história de *ficar* é que aquele verbo do português moderno (a saber *fincar*) que tem o sentido que está na origem do desenvolvimento de *ficar* aparece nos textos só um século depois deste último. Esta observação ilustra de maneira muito clara a experiência geral de que a história é sempre mais complicada do que a diacronia. É um dos inumeráveis exemplos que fazem entender por que razão muitos aficionados da linguística diacrónica têm pejo de mexer na história.

4.2 Desenvolvimento semanto-sintáctico

No que segue, verificamos as primeiras aparições das diversas construções sintácticas de *ficar* no *Corpus do Português*. Os títulos das subsecções que seguem referem-se aos dependentes pós-verbais de *ficar* classificados acima. Contudo, a ordem dessas subsecções não obedece à sistemática acima exposta, mas segue sim o desenvolvimento histórico.

4.2.1 Sintagma adverbial

A construção que apresenta *ficar* seguido por um sintagma adverbial (inclusive um sintagma preposicional) se encontra desde o início da história da língua. E5 apresenta o uso com um advérbio, enquanto E6 e E7 exibem um sintagma preposicional, o primeiro designando um lugar, o segundo uma condição abstracta.

E5. ficou ally per algũs tempos (*Crónica Geral de Espanha*)

E6. E depois foron desaviindos ambos e hũu ficou em aquella torre e o outro foy fazer outra torre (*Crónica Geral de Espanha*)

E7. Mas en cabo todos forom mortos que nehũu nõ ficou aa vyda. (*Crónica Geral de Espanha*)

Aparece também a construção absoluta, sem dependente pós-verbal:

E8. que os o matou todos, ã tal guisa que nõ ficou senõ Noe e sua molher e tres filhos suas (*Crónica Geral de Espanha*)

Como se vê, a implicação de um lugar determinado recede aqui, de modo que *ficar* serve menos de verbo de situação que de verbo de existência. Em todo caso, na colocação com um sintagma adverbial, *ficar* conserva o seu sentido básico de ‘permanecer’.

4.2.2 Sintagma adjectival

A construção 2.2.1 de acima encontra-se desde os textos mais antigos. E9 – E11 são exemplos:

E9. E desta guisa ssom jûtados conpridamët en hûû ficando cada hûû delles enteyro en ssy meesmo (*Primeyra Partida*)

E10. e foy morto aquelle Guntarique cõ todollos Vandalos e ficou a terra limpa delles. (*Crónica Geral de Espanha*)

E11. E elRey quando esto ouuio ficou muj triste (*Barlaam & Josephat*)

Existe também uma variante em que o adjetivo é modificado pela partícula *por*, como em E12, a qual ficará fora de consideração.

E12. Mas, tanto que as conheceu, esmoreceu e ficou por morta. (*Crónica Geral de Espanha*)

Como o mostram os exemplos, tanto o significado básico de ‘permanecer’ como o significado genérico ‘estar a partir de um momento, tornar-se’ aparecem nos textos mais antigos, dependendo da classe semântica do adjetivo: com um adjetivo de propriedade (E9), dá-se o primeiro, enquanto com um adjetivo de estado (E10 – E12), dá-se o segundo. Isto significa que a generalização semântica de *ficar*, que o reduz ao sentido genérico, não é consequência da auxiliarização. Pelo contrário, como veremos, é uma condição dela.

A construção de *ficar* + adjetivo predicativo apresenta um crescimento estável desde os primeiros documentos até hoje.

4.2.3 Sintagma nominal

A construção 2.1, que contém um sintagma nominal em função de predicativo, também já aparece nos documentos do século XIV. E13 é um exemplo seguro, enquanto o predicativo de E14 pode também ser um adjetivo.

E13. Depois que foy morto el rey Lubyra, como ja avedes ouvydo, ficou rey Viterico e reynou sete ãnos. (*Crónica Geral de Espanha*)

E14. e morreo este rey d'Ingraterra sem filhos e ficou ella vyuva (*Crónica Geral de Espanha*)

Também já aparece a variante na qual o sintagma nominal de predicado vai precedido pela partícula *por*, como em E15, que constitui um par mínimo com E13.

E15. Depois da morte del rey Cïdasundo, ficou seu filho Recesundo por rey e senhor dos Godos (*Crónica Geral de Espanha*)

Essa construção fica muito reduzida por toda a história da língua, sendo essencialmente limitada a alguns substantivos como *rei*, *senhor* e semelhantes.⁷ Também ocorrem palavras como *órfão*, *viuvo*, *amigo* etc., que podem ser substantivos ou adjetivos. Em geral, é o sentido genérico de *ficar* que aparece nessa construção.

⁷ Inútil de dizer, exemplos como *nom ficou homem vivo (Demanda)* não apresentam a construção em questão.

4.2.4 Participípio perfeito

A construção 2.2.2, caracterizada por um participípio em função de predicado nominal, está representada por nove exemplos no séc. XIV, resumidos aqui em E16 – E19:

- E16. Vossas irmããs, dona Orraca e dona Elvira, ficã desemparadas. (*Crónica Geral de Espanha*)
- E17. A qual partiçõ acabada e assj fica outorgada Nos Gomez perez e ffernã uermoíz pola dita Maria gonçaluiz. (*Documentos notariais*)
- E18. Caractar tanto quer dizer en latĩ como o sinal que fica feyto da cousa cõ que sse ffaz (*Primeyra partida*)
- E19. E, logo que o ouve bevudo, perdeu o siso e ficou assi torvado que nom soube de sy dar nem hũũ (*Crónica Geral de Espanha*)

Cinco dos nove participípios atestados no séc. XIV são formas de *desemparado*. Esse é um dos participípios que também se usam como adjectivos lexicalizados, como ilustrado em E16.⁸ Essa distribuição ocasiona a hipótese de que o uso de *ficar* com participípio esteja baseado na construção com adjectivo: Uma vez que *ficar* pode combinar-se com um adjectivo de estado como dependente pós-verbal, este pode também ser um participípio lexicalizado. E uma vez que um participípio pode funcionar como dependente pós-verbal de *ficar*, também pode fazê-lo um participípio regular, como em E17 – E19. Esta última construção reanalisa-se como forma perifrástica daquele verbo que forma a base do participípio. Ela tem um alto no séc. XVI e depois se estabiliza num nível mais baixo. Como ela está baseada na construção de adjectivo de estado e como o participípio também designa um estado, herda da construção de base o sentido genérico de *ficar*.

4.2.5 Preposição + infinitivo

Esta construção está já bem estabelecida no início da tradição. As preposições usadas são *de*, *por* e *para*; *sem* junta-se-lhes um século mais tarde. O uso desta construção decresce quase constantemente desde o início da documentação escrita. Seguem-se exemplos da primeira fase. E20 é representativo do uso dum sintagma preposicional constituído por *por* mais infinitivo como dependente pós-verbal.

- E20. a yfante ficou por casar (*Crónica Geral de Espanha*)

Esta construção apresenta-se relativamente forte no início da tradição. Ela sobrevive até hoje, mas o seu papel relativamente às outras construções de *ficar* diminui.

A preposição *de* também aparece desde o início, como em E21.

- E21. Esta fica de pagar anualmente trezentos e vinte e nove reais brancos e dois frangões. (*Documentos notariais*)

⁸ O uso de *desemparado* como adjectivo mais bem que forma verbal aparece já num dos primeiros textos da história: *Pois boas donas som desemparadas / e null'h'home nôm'as quer defender* (*Cancioneiro da Ajuda*, #62).

O seu uso oscila um pouco através dos séculos, apresentando um baixo no séc. XVIII.

Quanto à preposição *para* nessa construção, o corpus contém um único exemplo antes de 1500, reproduzido aqui como E22:

E22. nãhã cousa nã lle ficou para comer (*Miragre de Santiago*)

De *ficar sem* + infinitivo, há dois exemplos antes de 1500, um dos quais é E23.

E23. que os mais fiquem sem receber merce (*Crónica de D. Duarte*)

O uso de *para* e *sem* na nossa construção apresenta um cume no séc. XVIII e diminui desde então.

Finalmente, a inserção da preposição *a* no contexto '*ficar* _ infinitivo' merece um pouco mais atenção. A representação dessa construção é muito fraca através dos primeiros séculos. O primeiro exemplo que aparece está reproduzido em E24:

E24. Dom Martim Lopez deu a villa a elrei e comprio todo o que ficou a fazer: (*Crónica de Dom Fernando*)

Como se percebe, o sentido da construção em E24 parece ser o mesmo da construção *ficar de* + infinitivo, como em E21, e não é ainda o aspecto progressivo. Este se desenvolve muito lentamente, com ainda poucas ocorrências até 1800. Isto continua mais ou menos assim até hoje no Brasil, enquanto em Portugal há um incremento notável desde então. Este desenvolvimento é, pois, o inverso do desenvolvimento da construção *ficar por* + infinitivo observado acima. No séc. XX, o uso de *a* nesse contexto supera extraordinariamente o total do uso de todas as outras preposições no mesmo contexto; e além disso o emprego desta construção em Portugal é cinco vezes mais elevado do que no Brasil. Hoje a posição paradigmática da construção é claramente a de um aspecto progressivo perifrástico, e nisso é sinónima da construção com gerúndio, a ser analisada agora.

Estruturalmente, esta construção está baseada na construção com dependente adverbial, mais especificamente, dependente em forma de sintagma preposicional. Daí se entende que *ficar* pode conservar, na construção derivada, o seu sentido básico, como aparece em E22. Contudo, por analogia com as outras construções com dependente verbal e pelo efeito da *aktionsart* do verbo pleno, desenvolve-se o sentido genérico também nesta construção, como pressuposição da perífrase progressiva.

4.2.6 Gerúndio

No séc. XIV, há um único exemplo da combinação de *ficar* com gerúndio, reproduzido aqui como E25.

E25. E, en quanto elles allo foron, ficaron fallando dom Pero Fernandez e dom Diego. (*Crónica Geral de Espanha*)

Na mesma época, está já bem estabelecida a construção de *estar* + gerúndio, da qual há 41 ocorrências no corpus do séc. XIV, representadas aqui por E26.

E26. E como, Afonso, ainda estás cuidando no mal que has feito ...? (*Crónica Geral de Espanha*)

Esta construção não pode deixar de ter servido de modelo para *ficar* + gerúndio. No séc. XV, há já 11 ocorrências desta última construção no corpus. Desde então, observa-se um crescimento contínuo. A partir do séc. XVII, a situação apresenta-se relativamente estável. No séc. XX, o emprego no Brasil é 7 vezes mais alto do que em Portugal. Como esta construção é a última nessa série, herda o sentido genérico do verbo *ficar*.

4.3 Auxiliarização

O quadro T1 mostra as relações quantitativas das diversas construções de *ficar* entre si e entre os dois séculos que constituem os períodos periféricos da história compreendida pelo corpus disponível.

T1. *Frequência das construções de ficar em dois séculos*

século	palavras no corpus	XIV		XX	
		absolutas	por milhão	absolutas	por milhão
	ocorrências dependente				
1	não-verbal	1.176	820	24.627	1.027
2	verbal (3 +4 +5)	67	47	1.798	74
3	preposição com infinitivo	57	40	405	17
4	gerúndio	1	1	1.198	50
5	particípio	9	6	195	8
6	total (1 + 2)	1.243	867	26.425	1.102

Desta confrontação apuram-se os seguintes resultados:

- A presença total relativa de *ficar* nos textos cresce em um quarto relativamente ao número do ponto de partida.
- O emprego dum dependente pós-verbal de natureza verbal aumenta por 36% em relação ao número do ponto de partida.
- O uso do particípio como dependente pós-verbal não aumenta sensivelmente.
- O uso do infinitivo introduzido por preposição regride para menos de metade, e isto, como vimos acima, apesar do aumento da construção *ficar a* + infinitivo em Portugal.
- O uso do gerúndio como dependente pós-verbal aumenta exponencialmente.

Estes são os reflexos numéricos da auxiliarização de *ficar*. Quanto ao aspecto sistemático, resumimos a seguir as linhas gerais do desenvolvimento que transparece dos dados apresentados na secção 4.2:

1. No início o verbo *ficar* usa-se exclusivamente como verbo lexical pleno. Depois de a relação lexical com *fincar* estar clarificada, *ficar* é um verbo intransitivo cujo significado básico é ‘permanecer’ e que toma um dependente pós-verbal. No sentido original do verbo, este último é um adverbial local.
2. Também aparece já no início da história o predicado nominal em forma de sintagma nominal ou adjectival. Nesta construção, e dependendo do carácter do adjectivo, *ficar* pode assumir o significado genérico de ‘estar a partir de um momento, tornar-se’.
3. Dadas estas duas construções, o verbo *ficar* é, ao mesmo tempo, um verbo existencial e uma cópula. Partilha esse potencial semântico-sintáctico com os verbos *ser* e *estar*. O primeiro destes é um verbo gramatical já antes do início da história da língua portuguesa. O segundo tem sofrido um processo de gramaticalização, conforme o modelo de *ser*, que começou antes da auxiliarização de *ficar*. Daí, quando esta começa, *ser* e *estar* serem já ambos auxiliares e servirem de modelo para *ficar*.
4. As duas construções *ficar* + sintagma adverbial e *ficar* + predicativo constituem os pontos de partida para o desenvolvimento dos empregos auxiliares deste verbo.⁹
5. Por um lado, expande-se o potencial da construção na qual o dependente pós-verbal é um sintagma adverbial e, mais especificamente, um sintagma preposicional. Emprega-se, como complemento da preposição e em lugar dum sintagma nominal, o infinitivo. Sintacticamente, isto justifica-se pelo facto de o infinitivo ser um substantivo verbal. Assim, a construção *ficar por* + sintagma nominal (p.ex. *ficou por rey*) fornece a base estrutural de *ficar por* + infinitivo (p.ex. *ficou por pagar*).
6. Por outro lado, emprega-se um particípio em função de predicado nominal de *ficar*, já que o particípio é um adjectivo verbal. Assim, a construção *ficar* + adjectivo (p.ex. *fica triste*) serve de base estrutural para a construção de *ficar* + particípio (p.ex. *fica torvado*).
7. Com base no significado genérico de *ficar*, que emergiu desse desenvolvimento, cada uma das duas construções é reinterpretada como perifrástica, isto é, como fazendo parte do paradigma de conjugação do verbo pleno dependente. Isto é possibilitado pela prévia existência de formas verbais perifrásticas que apresentam a mesma estrutura. Assim, *estar* + preposição + infinitivo serve de modelo para *ficar* + preposição + infinitivo; *estar* e *ser* + particípio servem de modelo para *ficar* + particípio. Contudo, depois de um começo promissor, esta última construção não se expande e em vez disso encontra um nicho ao lado dos seus modelos.
8. Como último resultado da auxiliarização de *ficar*, desenvolve-se a construção com gerúndio. Por um lado, o gerúndio é um advérbio deverbal. Assim, a construção de *ficar* + gerúndio (p.ex. *ficou dormindo*) tem como base a construção de *ficar* + advérbio (p.ex. *ficou aí*). Por outro lado, estava já bem estabelecida a construção de *estar* + gerúndio. Esta, por sua vez, constitui o modelo da auxiliarização de *ficar* nessa construção.

⁹ A primeira está na origem do ‘canal localista’, a segunda na origem do ‘canal de propriedade’ (de acordo com Dik 1987), ambos os quais conduzem a aspectos perifrásticos.

9. Entre todas as construções em que um verbo infinito aparece no dependente pós-verbal de *ficar*, as duas que se desenvolvem em formas perifrásticas de conjugação, a saber de aspecto progressivo, são *ficar a + infinitivo* e *ficar + gerúndio*. A primeira é conservadora quanto à construção sintáctica, já que *ficar + sintagma preposicional* é um esquema herdado do românico comum; mas é inovadora quanto à preposição específica, já que *ficar a + infinitivo* aparece só no séc. XV. A segunda perífrase é também conservadora quanto à construção sintáctica, mas em outro sentido, já que o esquema ‘verbo de suporte + gerúndio’ existia já (com *estar*), mas o uso de *ficar* nesta função é uma inovação.

Assim podemos concluir que a auxiliarização de *ficar* estava programada: Por um lado, *ficar* possuía todas as propriedades semânticas e sintácticas de um verbo existencial e uma cópula, e além disso era curto, contrastando nisto com *permanecer*. Assim, dificilmente podia resistir à gramaticalização. Por outro lado, a conjugação perifrástica que emprega auxiliares que provêm de verbos existenciais e de cópulas estava já bem estabelecida no sistema. Assim, a auxiliarização de *ficar* fortificava uma estratégia disponível.

5 Perspectiva de tipologia diacrónica

O latim quase não tinha verbos auxiliares nem de suporte. Esse tipo de construção desenvolveu-se só a partir da época proto-românica. As línguas ibero-românicas, mais ainda do que as outras românicas, têm tido recurso a essa técnica, renovando os auxiliares várias vezes no percurso da sua história. É o português que tem sido mais activo nesse sentido:

- Depois de as línguas românicas generalizarem o uso de lat. *habere* na expressão da modalidade debitiva, as ibero-românicas passaram a usar lat. *tenere* nessa função.
- Enquanto as outras línguas românicas se contentaram com o uso de lat. *habere* no perfeito analítico, o português renovou o auxiliar nessa função, usando *ter*.
- O mesmo aconteceu na predicação de existência: enquanto as outras línguas continuam usando o lat. *esse* ou o renovaram uma vez por *habere*, o português procedeu a substituir este último por *ter* também.
- Enquanto as línguas românicas fora da Ibéria se contentavam com lat. *esse* como cópula geral, as ibero-românicas gramaticalizaram lat. *stare* para servir como verbo existencial e cópula de estado. E mais uma vez, o português está renovando esse elemento também, gramaticalizando o verbo *ficar*, que era um verbo pleno do sentido ‘permanecer’, para cumprir, uma depois da outra, as mesmas funções que têm sido cumpridas por *estar*.

Depois do estado representado pelo latim clássico, os recursos estruturais usados pelas línguas românicas na conjugação sofreram uma série de mudanças. Se se quiser descrever esse desenvolvimento a um nível relativamente alto de generalidade, pode-se falar em **ondas de gramaticalização**.

1. A primeira onda foi aquela que exprimiu algumas categorias latinas de conjugação como o futuro e o condicional por construções analíticas que envolvem o lat. *habere*. Num segundo passo, ainda dado na fase proto-românica, o verbo auxiliar se aglutinou como sufixo ao verbo infinito, de maneira que no final dessa onda se replicaram nas línguas românicas essas categorias latinas de conjugação sintética.

2. Na segunda onda de gramaticalização, usa-se lat. *habere* como verbo de existência, como auxiliar de perfeito e de modalidade debitiva. Essa onda pertence também à fase proto-românica. O seu resultado persiste em muitas línguas românicas até hoje. Esse auxiliar nunca chegou a ser gramaticalizado em afixo.

3. Nas línguas ibero-românicas, o verbo lat. *stare* foi gramaticalizado num verbo existencial e uma cópula de estado, a cópula ficando assim desdobrada em *ser vs. estar*. Isto aconteceu numa fase ibero-românica comum, isto é, entre a dissolução da unidade proto-românica e a aparição das línguas ibero-românicas. Cronologicamente, seria já a terceira onda de gramaticalização. Contudo, dentro desse campo funcional específico, é a primeira.

Agora, a gramaticalização de *ficar* nas funções de *estar* constitui a segunda onda neste último campo funcional. É como se esse campo funcional se tivesse atrasado no desenvolvimento geral, mas tivesse que realizar, a longo prazo, as mesmas ondas de gramaticalização percorridas pelas outras categorias de conjugação.

Nesta óptica, o português pode aparecer como muito disposto à mudança. É porém importante ver que, nas últimas ondas de gramaticalização, se trata de **gramaticalização renovadora**. Numa perspectiva mais distante, ou seja, ao nível do tipo linguístico, as substituições de *haver* por *ter* e de *estar* por *ficar* não mudam o sistema, senão pelo contrário servem para sua conservação. Dito por outras palavras: a primeira onda de gramaticalização descrita acima levou à formação de categorias de conjugação sintética. Todas as demais não acabaram nisso, mas conduziram sim à formação de verbos auxiliares e categorias perifrásticas. É essa a estratégia de codificação de categorias verbais que corresponde ao tipo das línguas ibero-românicas. É como se a primeira onda de gramaticalização na nossa enumeração tivesse sido, no âmbito funcional em questão, a última mudança latina, enquanto a segunda onda foi a primeira românica. A estratégia dos verbos auxiliares e de suporte tem sido diacronicamente estável por um milénio pelo menos. A gramaticalização de *ficar* pesquisada aqui faz parte de um conjunto de ondas de gramaticalização renovadora que garantem essa estabilidade, ou seja, garantem que a expressão das categorias em questão não acabe na afixação.

Apêndice

Textos do corpus

Os exemplos vêm de Davies & Ferreira 2006, onde também se encontra informação pormenorizada sobre os textos que compõem o corpus. As abreviaturas que aparecem no final dos exemplos referem-se aos seguintes textos:¹⁰

título do texto	período
<i>Barlaam & Josephat</i>	1300-1400
<i>Crónica de Dom Duarte</i>	~1500

¹⁰ Referências bibliográficas completas no website do Corpus Informatizado do Português Medieval, <http://cipm.fcsh.unl.pt/>

<i>Crónica de Dom Fernando</i>	1431-1443
<i>Crónica de Portugal</i>	1419
<i>Crónica Geral de Espanha de 1344</i>	1344
<i>A demanda do Santo Graal</i> (cópia do século XV)	1400
<i>Documentos notariais dos séculos XII a XVI</i>	1304-1397
<i>Miragre de Santiago</i>	1400-1500
Afonso X, <i>Primeyra partida</i>	1350
Anónimo, <i>Tratado de confissom</i>	1489

Abreviaturas de categorias gramaticais

Adj	adjectivo
Adv	advérbio
Prep	preposição
SN	sintagma nominal
SPrep	sintagma preposicional
SAdj	sintagma adjectival
SAdv	sintagma adverbial
SV	sintagma verbal
Vinf	infinitivo
Vger	gerúndio
Vpart	particípio

Referências bibliográficas

- Davies, Mark & Ferreira, Michael J. 2006, O corpus do português (45 milhões de palavras, 1300-1999). <http://www.corpusdoportugues.org/>
- Dik, Simon C. 1987, "Copula auxiliarization: how and why?" Harris, Martin B. & Ramat, Paolo (eds.), *Historical development of auxiliaries*. Berlin & New York: Mouton de Gruyter (Trends in Linguistics, Studies and Monographs, 35); 53-84.
- Gialcone Ramat, Anna 2000, "On some grammaticalization patterns for auxiliaries." Smith, John Charles & Bentley, Delia (eds.), *Historical linguistics 1995. Vol. 1: Romance and general linguistics*. Amsterdam & Philadelphia: J. Benjamins (Current Issues in Linguistic Theory, 161); 125-154.
- Herculano de Carvalho, José G. 1984, "*Ficar em casa / ficar pálido*: gramaticalização e valores aspectuais." Herculano de Carvalho, José G. & Schmidt-Radefeldt, Jürgen (eds.), *Estudos de linguística portuguesa*. Coimbra: Coimbra. Versão alemã: "*Ficar em casa / ficar pálido*: Grammatikalisierung und aspektuelle Werte." Schmidt-Radefeldt, Jürgen (ed.) 1983, *Portugiesische Sprachwissenschaft*. Tübingen: G. Narr (Tübinger Beiträge zur Linguistik, 212); 57-75.
- Jakobson, Roman 1936, "Beitrag zur allgemeinen Kasuslehre. Gesamtbedeutungen der russischen Kasus." *Travaux du Cercle Linguistique de Prague* 6:240-288 (Repro: Hamp, Eric P. & Householder, Fred W. & Austerlitz, Robert (eds.) 1966, *Readings in linguistics II*. Chicago & London: Chicago University Press. 51-89).
- Krämer, Sabine 2004, "*Bleiben bleibt bleiben*." *Zeitschrift für Sprachwissenschaft* 23:245-274.

Lehmann, Christian 1999, "Aspectual type." Brown, Keith & Miller, Jim (eds.), *Concise encyclopedia of grammatical categories*. Amsterdam: Elsevier; Oxford: Pergamon; 43-49.

Pinto de Lima, José 2006, "Gramaticalização em alemão e em português: a formação de verbos semi-modais." Athayde, Maria Francisca (ed.), *Estudos sobre léxico e gramática*. Coimbra: Minerva (Cadernos do CIEG, 23); 35-66.